EDUCASAÚDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E
PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM SAÚDE - EDUCASAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

Binô Mauirá Zwetsch
Orientação Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

Educação sobre Drogas junto à População em Situação de Rua

PORTO ALEGRE
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E
PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM SAÚDE - EDUCASAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

Educação sobre Drogas junto à População em Situação de Rua

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Programa de Pós-graduação em Educação, Núcleo de educação, avaliação e produção pedagógica em saúde (EducaSaúde), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Orientação: Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

PORTO ALEGRE
2013

Agradecimentos

Adriano Andrade, Alessandra Xavier Miron, Analice Palombini, Ana Carolina Simoni, Anderson Lopes (MNPR), Anderson Rosa (MAPR), André Kist, Adriana Hashem, Ary Vanazzi, Belchior Puziol Amaral, Caroline Timm, Carolina Ferro, Charles Pranke, Cristina Estima, Cristina Rocha, Daniele Dalmaso, Daniela Parisotti, Débora de Paula, Dênis Petuco, Eduardo Freire, Elissandra Siqueira, Fernando Araújo, Gabriel Neiva Zwetsch (filho) Gisele Vicente, Guilherme Schroeder, Isaque Macedo da Rosa, Jean Cardoso, João de Deus (MAPR), Lori Altmann (mãe), Mateus Daitx, Pamalomid Zwetsch (mana), Priscila Farfan Barroso, Rafael Gil, Rodrigo Brizola (Briza), Renata Loureiro, Ricardo Brasil Charão, Ricardo Ceccin, Roberto Zwetsch (pai), Sabrina Correa, Samuel Rodrigues (MNPR), Sandra Torossian, Valério (padre), Veridiana Machado.

In Memorian I

Maria Cristina Carvalho da Silva,

“tronco velho” da saúde mental coletiva

In Memorian II

Felipe Saraiva (Romarinho)

Rapper das ruas de São Leopoldo atropelado na BR-116

De que serve a um homem conquistar o mundo inteiro e voltar para sua casa com uma úlcera gástrica, a próstata arrebentada e óculos bifocais? Mack e os rapazes evitam a armadilha, contornam o veneno e passam por cima do laço, enquanto uma geração de homens acuados, envenenados e prisioneiros esbraveja com eles, grita que não prestam, não servem para nada, são miseráveis, ladrões, patifes, vagabundos.

John Steinbeck, “A rua das ilusões perdidas”

Resumo

Esta produção é resultado do trabalho de conclusão da especialização Educação em Saúde Mental Coletiva realizada entre 2011 e 2012. Do encontro com os habitantes da rua no meio do caminho tive a curiosidade de saber mais sobre sua vida, as políticas públicas específicas e o modo como se relacionavam com o uso de drogas. Em meu percurso como investigador encontrei materiais educativos intolerantes com a vivência da população em situação de rua pretendendo à prevenção (ou resistência) às drogas. Assim, ao recolher tais objetos busquei os discursos e enunciados dos sujeitos constituintes dos objetos vinculados a sua visão das políticas sobre drogas, tanto da indiferença, proibição e do diálogo. Aqui apresento a reflexão sobre a educação sobre drogas sob a perspectiva da redução de danos entre pessoas em situação de rua como modo de construção da autonomia do sujeito. A imagem e o imaginário, na arte e na educação, serviram como meio de comunicação em saúde privilegiado para conexão com as pessoas com vivência de rua que usam drogas.

Palavras chave: Educação sobre Drogas, Redução de Danos, População em Situação de Rua, Comunicação em Saúde

Lista de siglas

ARA - Ação Rua Núcleo Arquipélago

CAPS ad– Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especialização em Assistência Social

CREPAR – Centro de Referência Especializado para População de/na Rua

EESMC – Especialização Educação em Saúde Mental Coletiva

ESP – Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul

FASC – Fundação de Assistência Social e Cidadania

GERD – Grupo de Estudos em Redução de Danos

MAPR – Movimento Aquarela da População em Situação de Rua de Porto Alegre - RS

MNPR – Movimento Nacional da População de Rua

PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas

RD – Redução de Danos

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

Sumário

1 Introdução – 9

2 Metodologia – 10

3 População em Situação de Rua: mendigo, morador de rua, população de rua? – 12

4 Assistência social: o trabalho do Educador Social de Rua – 14

5 Notas sobre Drogas e Prevenção - 19

6 Saúde e Redução de Danos - 20

7 Estratégias de educação em saúde: Educação sobre Drogas – 23

7.1. O Fim das Drogas em quadrinhos – 24

7.2. Crack Nem pensar: Zumbis da Pedra – 27

7.3. Resistência às Drogas – 30

8 Educação sobre drogas: vida, drogas e arte – 33

8.1. Jornais – 33

8.2. Manuais – 35

9 Conclusão – 39

10 Bibliografia – 40

11 Referência das imagens – 43

1 Introdução

> "Aqui chego: com a mochila carregada, atravesso a ponte em direção à ilha;
> a água que nos separa é a mesma que nos une" (Diário de campo, p. 8)

A minha entrada na especialização coincidiu com a mudança de emprego. Trabalhava e estudava em Porto Alegre. Há cerca de dois anos acumulei experiência em São Leopoldo/RS ao protagonizar a implantação do serviço de abordagem social de rua no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), antes vinculado ao Albergue Municipal, Centro de Referência Especializado para População de/na Rua (CREPAR). Neste tempo o vínculo com a equipe do CREAS, com os usuários do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e, principalmente, com as pessoas em situação de rua engajadas no Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) foram instigantes para me aperfeiçoar na saúde mental. Devo isso a coordenadora do CREAS, na época, Alessandra Xavier Miron e a psicóloga Adriana Hashem que contava suas aventuras na "pós" em saúde mental do EducaSaúde.

Após aprender muito no CREAS de São Leopoldo, encontro aconchego no Ação Rua Arquipélago (ARA), serviço de abordagem e acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de rua da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) de Porto Alegre. Logo, no seguinte mês inicio a Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva, do EducaSaúde. Nesse processo a psicóloga Daniela Parisotti do ARA incentivou que me inscrevesse ainda que não tivesse possibilidade de pagar a mensalidade.

Equipe cuja memória coletiva conduzia um processo de trabalho horizontal, análise crítica e com posicionamento persistente na perspectiva da autonomia, do protagonismo cidadão e da redução de danos em relação à criança e adolescente em situação de rua. Haviam passado por lá os educadores sociais Rafael Gil e Gisele Vicente deixando suas marcas na equipe.

Com a caminhada pelo movimento social, pela reflexão conceitual e apropriação da tipificação dos serviços socioassistenciais fui convidado algumas vezes para seminários sobre população de rua, redução de danos e direitos humanos. O que me ocupou para além do trabalho no ARA em Porto Alegre e sendo parte do processo de aprendizagem onde poderia refletir a partir de quem trabalha na ponta, porém, com outro olhar, de distanciamento. Procedimento inverso ao método etnográfico (aproximação – estranhamento; distanciamento – relativização), porém com o imprescindível trabalho de campo, mistura intersubjetiva e aprendizado pela convivência.

Certo que cada vez que eu formava um círculo com cadeiras me vinha numa oficina ou pegava o microfone em um seminário tinha a percepção que vozes ressonavam dentro de mim, vozes de tamanho sofrimento e revolta, me tocando a insurgir. A escuta clínica permitia que alcançasse as demandas e necessidades de pessoas em situação de rua, de jovens de periferia, como também, de trabalhadoras da assistência social sem sala adequada para um acolhimento sigiloso e o atraso no pagamento do salário.

Porém, como chamou a atenção Rose Mayer, com sua percepção aguçada das potencialidades subjetivas: - Binô, pauta tua fala na escrita! Isso na reunião que antecedia o Encontro Estadual de Redução de Danos, em setembro de 2011. Ficava claro que minha produção era latente, mas pautada na discussão, no discurso, na oralidade. Faltavam "horas bunda" ou momentos de sentar e escrever de forma sistematizada, ainda que pulsante e viva. O resultado pode encontrar aqui nesse esforço de sistematizar pontos centrais no debate sobre educação sobre drogas junto à população em situação de rua no cotidiano das cidades.

2 Metodologia

O processo do trabalho escrito implicou dispor de tecnologias intelectuais de leitura, análise e escrita reflexiva. As tecnologias leves que me dispus a operar como colecionar informativos, seminários, imagens, cartilhas e livros, compuseram derivações de minhas vontades de saber-poder oriundas da necessidade de me ocupar da reflexão do fazer de sociólogo, trabalhador da assistência social, educador social de rua e redutor de danos.

No início planejei focar a pesquisa em rodas de conversa com jovens em situação de rua usuários de drogas no município de São Leopoldo/RS. Porém, o *trecho*[1] era apaixonante e o sedentarismo um acinte à liberdade. Assim, o percurso de pesquisa assumiu a dinâmica nômade de quem vivia na rua e isso me fez caminhar por São Leopoldo, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Canoas, Osório, Passo Fundo, São Paulo e Brasília. O *trecho* implicava sustentar a pesquisa *achaque*[2], pedindo e perguntando: aqui vocês falar sobre drogas? O que podemos

[1] Trecho é o termo próprio do linguajar da população em situação de rua para referir o trajeto entre uma cidade e outra, caracterizando um viajante nômade que não se fixa em um endereço, cidade ou emprego.
[2] Achacar é uma estratégia de sustento da pessoa que vive na rua baseada no pedido direto por moedas ou alimentos, fazendo uso de discurso elogiando o doador, ou o convencendo de sua necessidade por conta da miséria,fome ou doença, própria ou da família, tanto alusivas a situações da realidade presente ou passada quanto situações ilusórias.

aprender sobre o uso de drogas? E, claro, contava minhas histórias sobre as pessoas que acompanhei através da abordagem social.

Desta forma, pude me inserir em grupos com demanda para debater e discutir políticas públicas e drogas, por vezes traçando linhas de fuga da política antidrogas, da falácia da epidemia do crack ou, ainda, o alarme em relação ao crescimento dos casos de AIDS. Trajetórias por cidades, setores públicos e encontros que convergiam várias cidades de perto e de longe.

Exercitei isso como estudante no percurso das aulas de especialização. Problematizei bastante em aula estas questões, já que era evidente que as leituras sobre saúde mental tendiam, sobremaneira, a temática do sofrimento psíquico.

O desafio de me apropriar da construção criativa proposta pelo portfólio me consumiu como pessoa que estimulou as percepções silenciadas e bloqueadas por processos de trabalho no serviço da assistência social, demasiado operacional e normativo.

O questionamento elaborado como proposta de pesquisa emergiu de meu envolvimento com o movimento social da população em situação de rua, onde procurava entender metodologias participativas para produção de materiais de educação para cidadania, privilegiando o direito da pessoa ao cuidado e percebendo o uso dependente ou abusivo de drogas como sintoma, não como causa.

Será que a leitura crítica de materiais educativos sobre substâncias psicoativas, assim como, a construção com os jovens em situação de rua de outros saberes sobre drogas possibilita mobilizar o processo de autonomia das pessoas para lidar com seu uso e praticar o cuidado de si? Esta foi a problemática disparadora do processo de saída a campo, ao “trecho” que apresentei como projeto de pesquisa de especialização.

Busquei primeiro me aproximar de diferentes públicos com quem poderia dialogar sobre drogas. Já havia atendido usuários de crack tanto no CREAS de São Leopoldo, como no ARA em Porto Alegre, porém nesse percurso pretendi investigar como era formulados os enunciados sobre usuários de drogas.

Meu objetivo inicial era sistematizar saberes populares sobre os itinerários terapêuticos de jovens diante do uso de drogas e o que isso tem a haver com políticas de saúde mental e sanitária. Porém, através de encontros dos quais participei ou fui convidado como facilitador de oficinas e rodas de conversas.

No percurso redigi um diário de campo forma originária da metodologia de pesquisa da etnografia e através das leituras e reflexões multidisciplinares sobre as práticas rememorei os caminhos e atualizei reflexões com releituras a partir da orientação.

Nessa caminhada faltou informação. Na realidade "outras palavras" e informações sobre drogas para tratar do tema mais delicado quando da superação das vulnerabilidades da juventude e de quem vive na rua. Até por isso me desafiei ocupar minha reflexão sobre este tema polêmico: educação sobre drogas.

3 População em Situação de Rua: mendigo, morador de rua, população de rua?

Figura 1

.

"Não somos lixo! Somos brasileiros!", esta era a frase escrita na faixa de um manifestante da Marcha do Movimento Nacional da População de Rua de 2010 que rompeu o silêncio da capital do Brasil, com gritos de protesto pela garantia de direitos e coloriu de azul e amarelo o gramado em frente ao Congresso Nacional. Acompanhei como apoiador do Movimento Nacional da População de Rua na marcha que resultou de mais de quatro meses

de intensa articulação, através de reuniões e oficinas com pessoas em situação de rua de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Canoas e Porto Alegre, cujo coletivo mais organizado e com acumulo histórico era o Movimento Aquarela da População de Rua de Porto Alegre.

No Seminário Nacional do MNPR o coordenador nacional do movimento Anderson Lopes explica a diferença entre o *trecheiro* e o *pardal*. O primeiro vive na estrada, na beira da autoestrada, de *trecho* em *trecho*, de cidade em cidade, em busca de trabalhos sazonais e sem qualificação. Enquanto o *pardal* é aquele que canta sempre no mesmo lugar, trata-se daquele morador de rua que pede e achaca para comer, fumar e vestir. O *trecheiro* e o *pardal* são atualizações de enunciados que atravessa a história, sem um sujeito ou cogito que o pronuncie ou o defina.

Como resultado do movimento social organizado a política pública específica tornou-se política de Estado. Para tanto foi necessário o consenso sobre a definição para tratar o grupo dos que vivem nas ruas, assim, segundo o Art. 1°, Parágrafo único, Decreto n° 7053/09, que institui o Plano Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua,

> considera-se **população em situação de rua** o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Ainda que a Edgar Allan Poe quando escreve sobre a cidade de Paris no século XIX traz a figura do *flâneur*, aquele homem errante que vivencia a rua, observa os passantes, e sente-se em casa em meio à multidão (PAGOT, 2012, p. 55-56). Este é outro olhar sobre a cidade a crescer, cada vez mais, com a industrialização e aumentando o trânsito a massa de indivíduos despersonalizados, compondo uma realidade multiforme, abandonando os rituais públicos de reverência do período medieval.

Na contemporaneidade, com o avanço da tecnologia, da informática, dos meios de comunicação e transporte, talvez aquele *flâneur* ocupe outro lugar social, sem prestígio ou poesia, sendo produtor e produto da sociedade de consumo.

Assim, nossa sociedade, ao mesmo tempo em que produz uma "nova novidade" [3], gera o descarte, o lixo e o refugo de objetos. Tal dinâmica é similar ao refugo de parcelas "redundantes" da população que não acompanham o ritmo acelerado e fugaz da sociedade na pós-modernidade (BAUMANN, 2005).

Segundo STOFFELS (1977), o fenômeno da mendicância é visto através de duas correntes: a primeira da responsabilidade pessoal e fundamenta-se no individualismo para incriminar o mendigo-vadio, afinal "a preguiça é a mãe de todos os vícios" [4].

Enquanto a segunda corrente defende-o, alegando a responsabilidade coletiva como origem de sua condição, em virtude de dois princípios: o da caridade (solidariedade absoluta entre os homens) e o de justiça (justificação dessa solidariedade pela desigualdade social).

Podemos discutir sobre a responsabilidade coletiva da situação de rua através do sociólogo francês Robert Castel que propôs o termo desfiliação. Quando analisou as dinâmicas de invalidação social e questionou a generalidade do conceito de exclusão, critica a visão que

> um excluído é alguém que estaria completamente cortado do social[...], parecendo-me que para analisar estes fenômenos de marginalidade, de invalidação social, é preciso tentar reconstruir o processo que conduz as pessoas para as margens e que, em alguns casos, se inicia mesmo no seio da vida social. (CASTEL apud SANTOS, 2003)

Diferente de CASTEL, fundamentado na segunda corrente da caridade reposiciona a desvalia dos mendigos dentro da sociedade, BENJAMIM os sacraliza, argumentando que "todas as religiões reverenciavam o mendigo. Pois ele documenta que espírito e fundamento, consequências e princípio, em uma questão tão sóbria e banal quanto sagrada e vitalizante, como era o dar esmolas, faltam vergonhosamente." (BENJAMIM, 1987, p. 67.)

4 Assistência social: o trabalho vivo do Educador Social de Rua

Como educador social de rua operando a política de assistência social com pessoas em vulnerabilidade social o que alarmava a equipe eram aqueles jovens que faziam uso dependente de drogas (cigarro, maconha, álcool, cocaína e crack).

---

[3] Expressão usada em aula sobre a política de álcool e outras drogas por Ricardo Brasil Charão para debater a sociedade contemporânea baseada no consumo e sua repercussão no uso de determinada droga, pretensamente mais potente, como o crack e a política de drogas.

[4] STOFFELS, 1977, p. 30-31. A socióloga realizou pesquisa de campo com grupos de mendigos na cidade de São Paulo na década de 1970, sofrendo sanções do Regime da Ditadura Militar, analisando a prática da mendicância profissional, ideologia, processo de protesto e formação da consciência do mendigo.

Parte da pesquisa sociodemográfica “Contorno de invisíveis” (ZWETSCH et al, 2010) refutou algumas ideias correntes tanto nas solicitações de abordagem social por telefone, que ressonam na equipe de trabalho do CREAS, quanto nos veículos de comunicação como rádio e jornal da cidade de São Leopoldo.

Foi um processo de pesquisa que envolveu a equipe da abordagem social composta por Jean Carlo Pereira Cardoso, Caroline Gonçalves Timm e Maria Cristina Menezes, onde associamos reflexão crítica com leitura sobre a temática da situação de rua em cidades como São Paulo e Belo Horizonte, elaboração de metodologia de trabalho e plano operacional com ações intersetoriais estratégicas com outras secretaria do município, órgãos públicos e comunidade.

O princípio do trabalho no CREAS foi me apropriar que assistência social não é favor, é direitos social para quem necessita, sem discriminar que tem mais direito ou menos direito de ser atendido. Porém, ainda que houvesse avanços na proteção social básica territorializada nos bairros, onde as famílias vulneráveis eram referenciadas nos Centros de Referência da Assistência Social, o desafio era qualificar a proteção social especial. E a demanda de atendimento no CREAS, principalmente, as solicitações de abordagem por telefone ou email eram urgentes, envoltas na ânsia imediata de recolher o incomodo diante da pessoa e afastar para longe a repulsa e nojo. Tudo para agora, porém nossa resposta era que podíamos atender depois ou amanhã.

Penso na política de assistência social como o embate do hoje com o amanhã. Recordo a mente a referência de um santo popular - Santo Expedito. Em seu ícone está a figura do homem com vestes de soldado, na mão um ramo, sob os pés agoniza um corvo e uma faixa está escrito CRAS, escritas em letras maiúsculas.

Conta a história popular que o soldado romano cristão foi surpreendido por um corvo que gritava “Cras!”, amanhã em latim. Como resposta a esta aparição Expedito responde: - Hodie!, hoje em latim.

Além da similitude da palavra em latim “Cras” e a sigla do Centro de Referência da Assistência Social, o santo das causas urgentes e dos negócios é a última alternativa para os desafortunados. A graça atendida é replicada na impressão de pequenos panfletos coloridos, chamados de “santinhos”, com a oração e a figura de Santo Expedito.

Quando se trabalha com a população em situação de rua a perspectiva do presente expandido é olhar para o hoje com a determinação do desejo intenso. Por vezes, esta ânsia

pela resposta imediata as demandas das pessoas que atendíamos tomava-nos como trabalhados da equipe e a impotência, a ansiedade se misturavam com a persistência e a esperança.

- Volte amanhã. Esta é a última resposta que usuário de drogas quer ouvir. Não acolhemos como o mercado das drogas, afinal, está disponível de segunda à sexta 24 horas por dia, salvo em momento onde a "casa cai" ou faltam os produtos.

Parar e não se tomado pelo imediatismo ou voluntarismo fugaz, é importante fazer uma análise de conjuntura. Portanto, assistência social se depara com a realidade brasileira complexa, onde existem famílias com as mais diversas situações socioeconômicas, que induzem à violação dos direitos de seus membros - sobretudo, de suas crianças, adolescentes, jovens, idosos e pessoas com deficiência - além da geração de outros fenômenos como, por exemplo, pessoas em situação de rua, migrantes, idosos abandonados que estão nesta condição não pela ausência de renda, mas por outras variáveis da exclusão social[5].

A fim de verificamos a hipótese de que não apenas a exclusão social gera a situação de rua, procuramos fatores múltiplos da construção histórica da categoria que perpassa a prática desses indivíduos e coletivos heterogêneos, enunciados como população em situação de rua. Embora, as populações sem paradeiros fixos, andarilhos, miseráveis e necessitados de ordens diversas tenham sido constantes na história do mundo, é da época moderna a criação dos aparatos instituionais para acolhimento de pobres e miseráveis – os Hospitais Gerais – responsáveis pela categorização de um conjunto heterogêneo de pessoas (FOUCAULT, 1993).

Neste processo histórico, as pessoas "fora de lugar" receberam tratamento social homogêneo, no entanto, ora pela política da assistência ora pela política da repressão. Tal processo marcou distinções entre os inválidos, doentes, crianças e velhos – os que não podiam trabalhar, isto é, os "bons pobres" - e aqueles com condições físicas e não trabalhavam, tomados como "vagabundos de primeira linha" ou "maus pobres", objetos de repressão[6].

No trabalho vivo em ato como disse MERHY, pude construir a interface entre assistência social, segurança pública cidadã, movimento social e saúde. Na abordagem e acompanhamento de população em situação de rua (crianças, adolescentes, homens, mulheres e idosos) no campo da assistência social a educação para autonomia tinha como premissa que

---

[5] Plano Nacional de Assistência Social, 2004, p. 30.
[6] CASTEL, 1997.

era seu direito ser usuário da política de assistência social, recusando assumir o discurso do merecimento ou da caridade.

De inicio, para garantir o direito ao acesso e depois como metodologia de atendimento através da escuta, eu assumia o compromisso de acompanhar o usuário da assistência social aos serviços públicos como confecção de documentos, cadastramento para cartão do SUS, agendamento de consultas, atendimento no Albergue ou no Hospital. No percurso havia diálogos, troca de olhares sobre as paisagens e a percepção do imaginário que envolvia um atendimento em serviço público.

Marcante foi o convite para palestra sobre Cultura de Paz e População de Rua no Curso de Formação de Guardas Municipais – Academia da Guarda Municipal, executado pela Faculdade de Direito de Santa Maria.

Com os Guardas trabalhei com quatro atividades onde a primeira foi tempestade de ideias sobre violência e não-violência. Depois diferenciamos conflito e violência. Apresentei a pesquisa sobre a população em situação de rua de São Leopoldo. Trabalhamos com uma discussão de casos onde houvesse um conflito envolvendo dois lados, autor e receptor, cenário e contexto político envolvendo uma pessoa em situação de rua. Da atividade apareceu o caso de grupo de jovens que usava drogas (cigarro, álcool e maconha) na praça, que incomodou a moradora próxima que ligou pra Guarda Municipal. O segundo caso relatado envolveu senhora que cata material reciclável e discute com três jovens que tomavam cerveja em frente a prefeitura e o terceiro caso sobre um casal com criança que mora em viaduto que fica na divisa entre dois municípios e nenhuma das duas prefeituras querendo assumir para si o atendimento. Tais casos possibilitaram aos guardas refletir soluções dialogas que não envolvessem procedimentos pré-estabelecidos, mas resultado da compreensão da pessoa, do contexto e dos direitos sociais e humanos.

No módulo de Movimentos Sociais propus que não viessem na aula fardados, subversão contra a ordem do comandante para presença no curso, afinal estavam em horário de serviço. Além disso, deixei a tarefa de trazer uma foto de uma ou mais pessoas especiais. Formamos um círculo de cadeiras, introduzi a metodologia da história de vida utilizada pela antropologia e pela história e perguntei o que tinham de significativa na foto e qual era o vínculo da foto com a cidade. Isso provocou relatos de experiência que revelaram o vínculos com sua famílias, valores e com a memória do lugar onde moravam. Em um processo empático conversamos sobre o vínculo do morador de rua com o lugar onde dorme suas

coisas, aparentemente sem valor, recolhidas do lixo, assim como a relação com cachorros que os acompanham.

5 Notas sobre Drogas e Prevenção

Figura 2

> Após o almoço, em uma terça-feira vagarosa, procurávamos uma lanchonete para [...] sentar, conversar e tomar café. De tarde, meu corpo amacia, sede à força da digestão e amolece. Para suportar a coluna erguida apenas o café sustenta a atenção durante reunião de trabalho. Estávamos , a psicóloga e eu, na cafeteria do Chalé da Praça XV [...] ela pede fogo para acender o cigarro. (Diário de Campo, p. 47)

Através da foto tirada em abril de 2011, na Cafeteria do Chalé da Praça XV no centro de Porto Alegre/RS durante uma conversa entre a psicóloga Daniela Parisotti e eu antes de uma reunião com o Centro de Referência Especializado em Assistência Social Centro/ Humaitá/ Navegantes/ Ilhas, pude puxar fios para refletir sobre os atravessamentos dos discursos educativos de prevenção às drogas e as políticas de drogas nos quais se baseiam.

Um olhar para xícara de café e encontramos o tratamento para o uso de drogas. Perplexos, nos perguntamos, como assim “Café pode ajudar na prevenção de drogas.

Sulcafé”? Qual a concepção de drogas? Já que o café, cujo princípio ativo cafeína é estimulante, trata-se de substância psicoativa, tampouco deixa de ser droga por ser lícita. Campanha publicitária de autopromoção do produto café como alternativa saudável a outras drogas prejudiciais. A letra inclinada que faz referência a letra cursiva da aulas de caligrafia das séries iniciais denunciam a intenção de associar a frase ao caráter educativo da afirmação logo acima da marca.

No campo da publicidade incorpora-se o discurso do saber das pesquisas científicas e da educação para legitimar socialmente e legalizar o uso de substâncias psicoativas.

Na cena ainda observo mais três elementos: o cigarro de tabaco, a comanda em forma de cartão com código de barras e a publicidade da Coca-cola na mesa e cadeira. Assim o símbolo chega antes na mesa que o produto a ser consumido, onde o veículo é uma comanda com código de barras ou poderia ser o gêmeo cartão de crédito, propiciando conforto e prazer em troca da compra com o dinheiro.

A Coca produz subjetividades na infância e na adolescência sendo uma bebida gaseificada com alto teor de açúcar e sal, não correspondendo a promessa de “matar a sede”, pois a aumenta. Química esta, portanto, também é paixão: envolve sujeito, contexto e o produto utilizado. Na cena fotografada há um relacionamento intersubjetivo, um cenário que contextualiza uma prática e um tempo que implica processo de trabalho e intervalo com a fluidez da conversa e a necessidade de estimulante para encarar o desprazer do trabalho.

> A química é um dos nomes da droga. Mas a química é, também, um dos nomes da atração. Não tem química, diz quem busca explicações para a falta de paixão. Há vários modos de se ligar passionalmente ao outro. Há o ficar eventual, o ficar habitual e o ficar mais constante. Há, também, vários modos de se ligar às drogas. (TOROSSIAN, 2012).

6 Saúde e Redução de Danos

Resultado do movimento sanitário, que pressionou a inclusão no relatório final da 8ª Conferência Nacional de Saúde de 1986, o conceito ampliado de saúde supera o tradicional conceito de atenção médica.

> Em seu sentido mais abrangente, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de

> tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. (BRASIL, 1986)

Parte-se da ideia que saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado às condições indispensáveis ao seu pleno exercício.

A Redução de Danos – RD foi adotada como estratégia de saúde pública pela primeira vez no Brasil em Santos/SP, em 1989, através do Programa de Troca de Seringas (PTSs), como estratégica alternativa à lógica da abstinência. A diversificação de ofertas em saúde para usuários de drogas, além da troca de seringas, impulsionou a transformação da estratégia de RD, antes exclusivas do Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, em estratégia norteadora da Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas e da política de Saúde Mental (CAMPOS, 2011, p.154).

Tive contato pela primeira vez com o conceito de redução de danos sistematizado no Congresso Internacional sobre crack e outras drogas, por Rose Terezinha Mayer e Domiciano Siqueira no Encontro Estadual de Redução de Danos de 2011, em Porto Alegre,

> A Redução de Danos é uma das **diretrizes de trabalho do SUS**. Não estabelece a diminuição do consumo como condição de acesso ou exige abstinência a priori, mas o **protagonismo da pessoa que usa drogas**. Fundamenta-se nos **Direitos Humanos** e considera o **exercício da liberdade**, os **modos de viver e trabalhar**, a **saúde como produção** e determinação **social**, convergindo com a posição ética e compreensiva proposta pela **Saúde Coletiva**.
> Implica um **repertório de cuidado integral e intersetorial**, na perspectiva de **rede**. Inclui um conjunto de **estratégias singulares e coletivas** voltadas às pessoas que **usam, abusam ou dependem** de drogas e sua rede **social e afetiva**.
> Dirige-se à identificação e **minimização dos fatores de risco** sociais, econômicos e de saúde, bem como à **potencialização dos fatores de proteção**, **cidadania** e **defesa da vida.**

Para tem um pouco da relevância de levantarmos alguns conceitos, operarmos no cotidiano, e votarmos para a reflexão teórica reinventando-os, num processo dinâmico de vir-a-ser, trago o relatos de experiências através de atividades que construí junto com parceiros da Saúde.

Grupo de Estudos em Redução de Danos participei como convidado para apresentar a publicação em forma de cartilha “Contorno de Invisíveis...” (ZWETSCH et AL, 2010) sobre pesquisa população de rua de São Leopoldo. No mesmo encontro o Consultório de Rua do Grupo Hospital Conceição apresentou audiovisual “Pedras no caminho” produzido por trabalhadores em saúde e pelo Ponto de Cultura Ventre Livre executado pelo Coletivo Catarse.

Em outro encontro do GERD Compus a equipe que coordenou a reunião onde foi proposta a atividade das etiquetas nas testas, forma pela qual não era possível ver a própria cor. Foi uma atividade que através da vivência de uma situação de estereótipos, da alteridade. Em outro encontro propus que cada pessoa trocasse com um pessoa ao lado a resposta para a pergunta: - Qual a cor da drogas? Surgiu a cor preto, branca, cinza, multicolorida, qualquer cor que quisesse, entre outras. Durante as intervenções foi problematiza o busca do ideal através do conceito de saúde que o profissional construiu, assim o projetando no usuário e em seu plano terapêutico. Abriu-se, então, uma rodada onde relatos do trabalho de campo trouxe os aprendizados junto aos usuários de drogas como, por exemplo, uma pessoa alcoolista descobriu que desligando sua geladeira diminui o seu uso.

> Considera a RD como um paradigma a partir do qual se parte do real, do existente para uma situação melhor e possível. Relaciona-se com a interdisciplinaridade, pois o "real" e o "possível" podem ser vistos de vários olhares. Pressupõe autoria, protagonismo, pois é o sujeito que vai poder avaliar o "real" e o "melhor". É um processo educativo, de construção de autonomia. (CONTE et al, 2004, p. 68)

Na etnografia de Tatiane revela um pouco do trabalho do redutor de danos na Cracolândia estranhando o outro, este "nóia" ou "craqueiro" e depois relativizando, para elaborar seus estudo da etnografia das coisas onde através do objeto cachimbo é argumenta que ele assume características humanas e fala com que o uso. Pela sensibilidade do redutor de danos foi possível reconhecer o outro, seu universo simbólico e dialogar com seus signos para considerar possibilidades de fumar a pedra do crack sem contaminar-se com hepatite B, C e tétano, além de não aspirar as cinzas do cigarro ou a borra depositada no fundilho.

Este trabalho de campo é resistência diante da cobertura midiática do Bairro da Luz chamado de Cracolândia estigmatizando as pessoas e o bairro, impulsionando a retomado de políticas higienistas e de internação compulsória de usuários de drogas com o objetivo de segregar a pobreza, através da perseguição de usuários de crack.

O Plano Cracolândia apresentado pelo subprefeito Andrea Matarazzo na gestão do prefeito José Serra (2004-2006) foi anunciado como dirigido à revitalização do polígono que vai da Luz à Praça da República, porém tratou-se de atividades de *limpeza* social do centro[7].

Segundo FIX (FIX apud FON FILHO, 2005, p. 149) o projeto está destinado promover não apenas mudanças urbanísticas, mas a mudança do perfil, desalojando pessoas e

[7] FON FILHO, 2005, p. 149.

famílias pobres que ocupavam prédios abandonados, e atraindo ricos para residir no centro "revitalizado" em novos empreendimentos imobiliários.

A doutrina que informa as atitudes do Plano Cracolândia determinou obras na interligação dos três principais viadutos da capital, Dr. Arnaldo, Rebouças e Paulista, supostamente para afastar criminosos. Onde viviam 30 pessoas em situação de rua, entre famílias, adultos e crianças, foi construída uma rampa inclinada com chapiscamento do piso, de modo que sendo áspero impossibilitasse a permanência e o pernoite. O Capitão Reinaldo Elizeu do Comando do Policiamento da Capital as chamou de "rampas antimendigo"[8].

7 Estratégias de educação em saúde: Educação sobre Drogas

> "Se o outro nos parece simples, se os seus comportamentos repetem o que lemos nos manuais, e se ele não parece nada mais que um manipulador, talvez fosse saudável desconfiar não dele, mas do nosso próprio olhar." (PETUCO; GIL, 2010)

ACSELRAD (2005) discute as práticas preventivas dos educadores, analisando os discursos sobre as drogas. Contrapõe, primeiro, o discurso antidrogas, centrado na formação de educadores que ensinem a dizer "não às drogas", reproduzam informações dos danos provocados pelas substâncias psicoativas ilícitas e, timidamente, pelas lícitas (todas com as referências estritas aos especialistas), reforcem a ideia da erradicação do consumo e a abstinência do usuário.

Do outro lado, o discurso da educação para autonomia e da redução de danos que busca dialogar democraticamente com usuários, famílias e comunidade, além de compreender os saberes envolvidos nos usos, a apropriação consciente do controle dos riscos em relação ao uso de todas as drogas, lícitas e ilícitas, visando, não a abstinência da droga, mas a transformação da realidade vivida pelo sujeito, onde a droga pode ser um de seus aspectos de sofrimento e exclusão.

As imagens estampadas nas capas são sínteses do discurso, assim como o modo como ilustram os textos. Colecionei muitos materiais educativos, porém selecionei aqueles que traria maior força para os argumentos em relação a proposta de educação, ora tendendo para a política antidrogas baseado no "não" ou na abstinência ou, ainda, ora para política democrática baseada no diálogo e na construção de cuidados possíveis. Tais materiais são de

[8] Folha de São Paulo, Caderno Folha Cotidiano, 24/09/2005.

diferentes tipos e origens dentro da proposta de prevenção e educação na temática das drogas com o foco tanto para crianças e adolescentes quanto para trabalhadores em saúde.

O que a vivência instiga é busca de experimentar novas perspectivas e na ausência da possibilidade da experiência ou se opera com a doutrina, com a manipulação de imagens reprodutores de estereótipos ou com a imaginação a partir de histórias que a pessoas reais vivem. A imaginação inventa, e falta invenção para conversarmos e rompermos com o tabu.

> "[...] a imagem não é feita da mesma trama que a imaginação. A imagem, de fato, que se constitui como forma cristalizada e que toma emprestado, quase sempre, sua vitalidade de lembrança, tem bem esse papel de substituto da realidade ou de elemento de analogia que contestamos à imaginação." (FOUCAULT, 2006, p.127)

7.1. O Fim das Drogas em quadrinhos

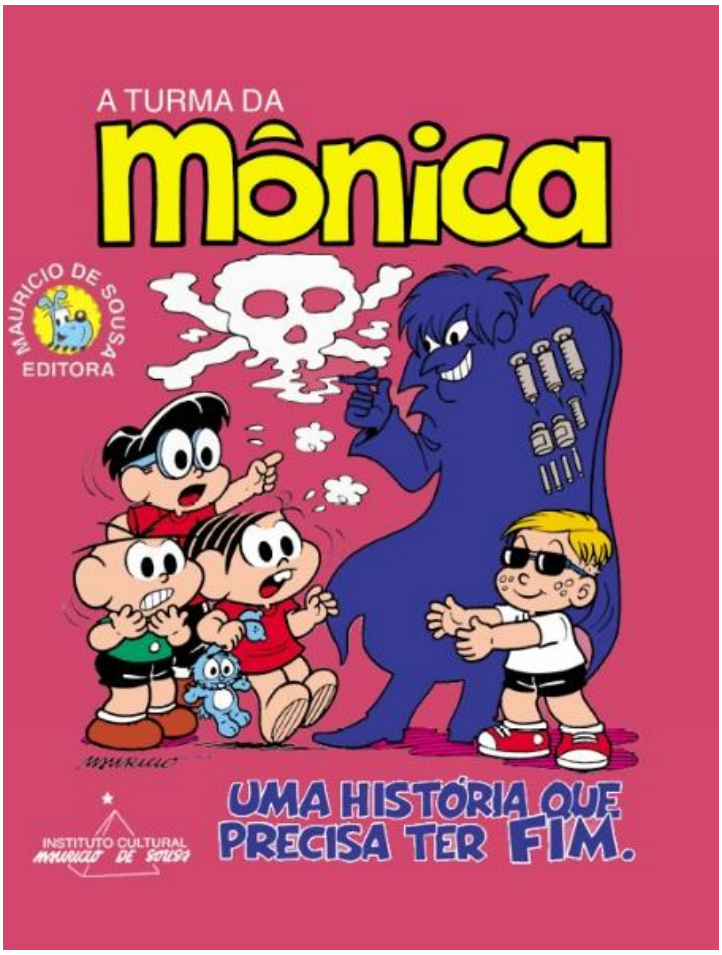


Figura 3

Analisando a capa “Uma história que precisa ter fim”, do cartunista Maurício de Sousa. uma história que precisa ter FIM. Em toda história em quadrinhos assim como nas novelas, o mais esperado é o desfecho que encerra, em geral surpreendendo o leitor ou reafirmando o argumento inicial. Aqui na capa o autor e desenhista associa o fim a morte, pois a fumaça que sai do cigarro do homem adulto ter a forma de uma caveira. Interessante que ele se apropria de um símbolo associado as bandeiras piratas já conhecido de leitores de histórias e contos infanto-juvenis para reforçar sua tese que as drogas são piratas, clandestinas, da pilhagem ao roubo, perigo para as cidades de portos invadidos.

Atrás da criança está a sombra em cor azul escuro de um homem adulto com sorriso onde sua face não é revelada, por debaixo de seu casaco estão seringas frascos de remédios, baseados de maconha, cigarro de tabaco. Estes objetos individualmente não causariam nenhuma repulsão do leitor caso não estivessem reunidos escondido em baixo do casaco de uma pessoa anônima e a fumaça em forma de caveira.

Figura 4

A criança está de bermuda e camiseta enquanto o adulto esta de casaco de inverno, calça e bota. Seu rosto está atrás da sombra, seus olhos estão enviezados e um sorriso sórdido está em seus dentes. O cenário é um beco. No espaço que vemos para fora estão os altos prédios da cidade com suas antenas parabólicas, uma placa com um “L” insinua que estão em um beco lateral de um hotel da qual pode haver uma porta de saída por onde os funcionários da limpeza jogam o lixo, reconhecidos pelas duas latas de metal, popularizadas pelos filmes norte americanos e pelas HQs do Batman, além de um saco marrom de lixo que aparece sorrateiramente.

Esta história em quadrinhos foi produzida pelo cartunista Maurício de Souza através de seu Instituto Cultural assinado pelo conselho Secretaria Nacional Antidrogas SENAD. Os personagens da Turma da Mônica são muito populares entre as crianças e adolescentes através de gerações e se consolidou no mercado editorial de HQ brasileiro. Catalizando este apelo o Ministério da Saúde imaginou ampliar a divulgação e a adesão a sua visão “diga não às drogas”. Ainda que houvesse críticas ela continuou sendo distribuída por cerca de 10 anos por via digital e também com novas impressões patrocinadas pelas prefeitura, como é o caso desta publicação citada acima viabilizada pelo Programa Municipal de Prevenção e Enfrentamento ao Uso indevido de álcool e outras drogas, agregando a Secretaria de Segurança Pública e Cidadania, de Desenvolvimento Social e da Saúde da Prefeitura de Canoas/RS.

7.3. Crack Nem pensar: Zumbis da Pedra

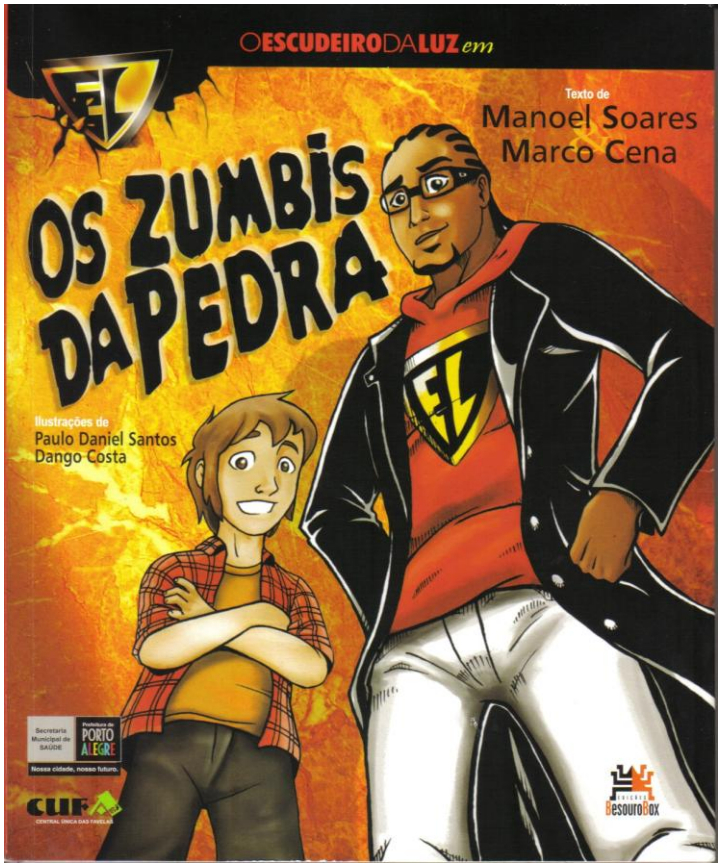


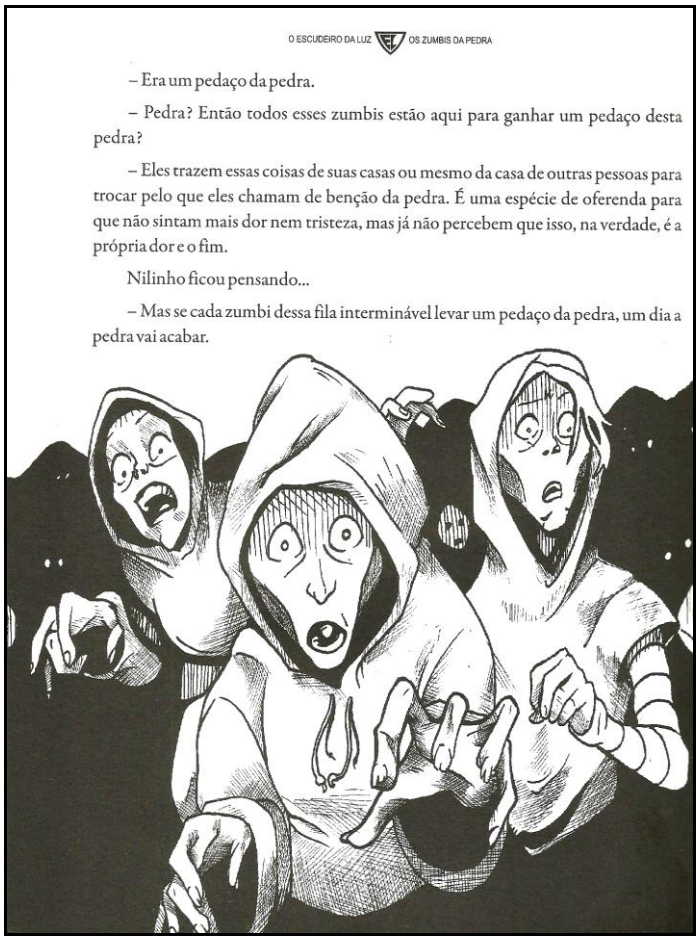
Figura 5

O segundo livro para análise me foi entregue pela colega de especialização Patrícia Schneider, professora de uma escola pública no município de São Leopoldo, tempos depois que apresentei em aula meu interesse de pesquisa. Disse ela, espantada, com o furor dos professores ao chegar uma caixa do livro “Os zumbis da pedra” do de Manoel Soares, chegando a disputar entre si quem ficaria com um exemplar.

O livro tem o apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e da Central Única das Favelas (CUFA) e ilustrado por Dango Costa e Paulo Daniel Santos. A história escrita ficção fala de dois irmãos de vínculo muito forte, no qual o mais velho usa drogas e o mais novo idealiza um herói chamado de “Escudeiro da Luz” que salva o irmão do vício. Não por coincidência, o herói é chamado de mano EL (iniciais de Escudeiro da Luz), pseudônimo de Manoel, escritor do livro.

PETUCO analisa uma campanha de prevenção às drogas em sua tese de mestrado em educação e conclui que o discurso da campanha tem como sujeito o usuário de drogas, inscrito como figura monstruosa e perigosa, capaz de prejudica e fazer sofrer as pessoas que o cercam.

> Nas campanhas de prevenção, usuários e usuárias de crack são apresentados como zumbis, mortos-vivos. Os zumbis, figuras patéticas que perseguem suas vítimas com passos lentos, guardas nítidas relações com o sujeito do discurso preventivo sobre o crack: despertam em nós sensações que articulam medo e nojo, raiva e piedade. São ao mesmo tempo vítimas e vilões. (PETUCO, 2012, p. 22.)



O ESCUDEIRO DA LUZ OS ZUMBIS DA PEDRA

– Era um pedaço da pedra.

– Pedra? Então todos esses zumbis estão aqui para ganhar um pedaço desta pedra?

– Eles trazem essas coisas de suas casas ou mesmo da casa de outras pessoas para trocar pelo que eles chamam de benção da pedra. É uma espécie de oferenda para que não sintam mais dor nem tristeza, mas já não percebem que isso, na verdade, é a própria dor e o fim.

Nilinho ficou pensando...

– Mas se cada zumbi dessa fila interminável levar um pedaço da pedra, um dia a pedra vai acabar.

Figura 6

A imagem recorrida na ilustração do livro “Os zumbis da pedra” da página 48, para representar o usuário de drogas se aproxima dos jovens em situação de rua quando dentro da trajetória de vivência nos espaços públicos não se alimentam, assim como caminham quilômetros, assim como da imagem da pessoa que vive com AIDS.

> As cenas em o que sujeito do discurso [zumbis-usuários de crack] está inserido... são becos escuros, calçadas e escadarias imundas, banheiros fétidos. Lugares ao mesmo tempo escuros e abertos, feitos de "noite" e "rua". (PETUCO, 2012, p. 22)

No entanto, o enunciado da associação do usuário de crack com a morte diz menos do que a discursividade do sujeito do discurso onde os zumbis apenas falam entre si e com o Chupa-almas que entrega pedra. O imaginário em relação à morte traz o limiar entre o sagrado e o profano, entre o tempo presente e o passado, entre a política e a religião.

Interditar esta é a palavra que ressona em todas as páginas, invalidar a palavra e sujeitar o usuário de drogas a um herói ilusório que se apodera do imaginário do adolescente para salvá-lo dos zumbis como seu irmão e do chupa-almas que vende a pedra.

O referencial de literatura de minha adolescência nos anos 90 foi o mesmo. Era fascinado por histórias de ficção que envolviam vampiros e bruxas. Sabendo disso meu pai oferece o a leitura de Incidente em Antares. Este é um dos romances mais estranhos de Érico Veríssimo, assim como sua melhor sátira política da década de 70, durante o Regime da Ditadura Militar.

VERÍSSIMO nos conta um "incidente" na sexta-feira, 13 de dezembro de 1963, numa cidade fictícia ao norte de São Borja, Rio Grande do Sul. Após a greve dos coveiros e o piquete dos grevistas em frente ao cemitério os mortos que estavam a espera de serem enterrados caminham em direção a praça da cidade e, em postura de protesto, permanecem no coreto em frente a prefeitura até os "vivos" resolvam a situação. A situação choca a cidade incrédulo e aguça o debate político diante do governo da morte, ou dos mortos.

Interessante que o autor situa a cidade dentro da rede de poderes local e nacional, no presente e no passado. Ele serve-se do personagem Mendes, funcionário público, para expressar sua crítica política, na véspera do "incidente" do levante dos mortos fica de serão na prefeitura e olhando os bustos nos quadros de Getúlio Vargas, Flores da Cunha, Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, entre outros. Com um copo de cachaça na mão estimulando a fantasia e com os ouvidos da memória passava a escutar as figuras de poder. Um dos enquadrados, Júlio de Castilhos, assim o diz: "A progressão social repousa essencialmente sobre a morte. Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos" (VERRISIMO, 1971, p. 306).

Retorno ao livro de SOARES onde ele descreve uma cena de perseguição. Uma sirene toca e os caçadores de zumbis chegam: "os zumbis correm feito baratas pelas ruas. Muitos são

pegos, arrancados com violência de dentro dos prédios pelos caçadores, colocados contra a parede e revistados. Eles procuram [...] uma espécie de cachimbo chamado de bimbo" (SOARES, 2011, p. 49)

Os "mortos" protestam e discursam em praça pública, como brilhantemente romanciou no livro, assim como "mortos" ou "múmias" (mortos sacralizados no poder), mesmo com as transformações conquistadas na Constituição Cidadã de 1988, da Reforma Psiquiátrica e abertura política, continuam a perseguir e silenciar "subversivos", aqueles que subvertem a ordem do discurso da política de drogas.

O silenciamento da voz do sujeito evidencia as práticas de inviabilizar que o usuário de drogas exerça a cidadania. Baliza que as representações da sociedade civil nos diversos Conselhos sobre Drogas (por vezes nominados de Entorpecentes ou de Políticas sobre Drogas) onde são, majoritariamente, ocupadas por responsáveis de Comunidades Terapêuticas e familiares de usuários de drogas. Quando é o usuário de drogas, ele se declara ex-dependente químico. É dito não ao não abstinente, no controle social das políticas públicas.

7.3. Resistência às Drogas

O Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD foi elaborado pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul com o objetivo de prevenção e combate às drogas e a violência nas escolas. Em 1998, a primeira turma de brigadianos são formados na Polícia Militar de São Paulo e iniciam as atividades como instrutores PROERD. Através dos instrutores em turmas indicadas pela direção e professores/as.

No manual do PROERD é construída a imagem da adolescência onde a pessoa jovem é ingênua, sem informação sobre drogas, manipulado pelo traficante, pressionado pelo grupo e negligenciado pelo professor e pela família. Aplica-se uma instrução onde segue-se os seguintes passos para situação de risco de aproximar e experimentar a droga: defina o problema, analise as opções (prós e contras), atue através da escolha de uma das opções e avalie se fez uma boa escolha?.

Como sujeitos passivos no processo os diversos usos das drogas não é citado, assim condenando a dependência o adolescente que experimentar pela primeira vez. Segregando entre grupos que usam e que não usam reforça

> En el debate educativo de nuestros días no se habla de la desesperada necesidad que tienen nuestras escuelas de crear una ciudadanía alfabetizada en el lenguaje de los mass-media, capaz de interrumpir, contestar y transformar el aparato de éstos, de manera que pierdan su poder de infantilizar a la población y dejen de crear sujetos sociales pasivos, temerosos, paranoicos y apolíticos. (MCLAREN, 1994, p. 26)

Figura 7

Na capa da cartilha impressa pela Brigada Militar do RS, pela Secretaria de Segurança Pública com o apoio da empresa siderúrgica Gerdau, via o Instituto Gerdau. O mascote é um Leão com sorriso sem dentes, camiseta preta com a palavra Proerd em cinza em letras cursivas. No símbolo o mesmo Leão parece sair de um triângulo, no qual está dentro de um circulo cinza com as palavras escola, família e polícia militar. Por fim, o triângulo e o círculo estão envoltos em outro círculo escrito Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência.

Associar drogas e violência é parte fundamental do discurso antidrogas, restando ao aparato policial do Estado controlar ou, como fica evidente nesta cartilha, ensina a controlar. Bauman será complexifica ainda mais quando compara Europa e Estados Unidos.

> Como o exprime Richard Freeman, economista de Harvard: "Se aos desempregados, na Europa, se paga compensação, nos Estados Unidos nós os colocamos nas prisões". Cada vez mais, *ser pobre* é encarado como um crime; *empobrecer*, como o produto de predisposições ou intenções criminosas – abuso de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado. (BAUMANN, 1998, p. 59)

Lição 7 - Decidindo de forma confiante

Maneiras de estar no controle

Ficando longe das situações de risco:

1. Evitando a situação	Se você conhece os lugares onde as pessoas geralmente usam drogas, fique longe desses lugares.
2. A união faz a força	Ande sempre com amigos que não usam drogas.
3. Afastando-se	"Tenho uns cigarros. Quer um?" Diga não e afaste-se.
4. Dando um gelo	"Ei, quer fumar?" Simplesmente ignore a pessoa.

Saindo de situações de risco:

1. Recusando amistosamente	"Quer uma bebida?" "Não, obrigado."
2. Dando uma razão	"Quer uma cervejinha?" "Não, obrigado. Não quero ficar tonto."
3. Mudando de assunto	"Vamos fumar um baseado?" "Você viu o filme de ontem na TV ?"
4. Recusando repetidamente (Disco arranhado) (Sem perder a calma)	"Quer um cigarro?" "Não." "Ah, vai." "Não." "Só uma tragada?" "Não."
5. Usando o bom humor	"Quer um baseado?" "Não. Preciso de todos os meus neurônios."

30

Figura 8

Na Lista “Maneiras de estar no controle” da cartilha do PROERD da página 30 é esclarecedora pois não busca a autonomia mas o controle. São formas domesticar corpos, disciplinar práticas sociais e reafirmar o discurso antidrogas. Estar no controle de quem? Controle da consciência em si, dos outros corpos que usam drogas? Da das forças polícias estarem no controle da oferta e consumo de drogas?

8 Educação sobre drogas: vida, drogas e arte

A vida é axioma para qualquer intervenção ou abordagem na perspectiva da redução de danos. Para FOUCAULT, a política da vida emerge como rede de poderes que atravessam a população agora escrutinada por censos, por cadastros administrativos e pela vigilância dos dispositivos, podendo ser discursos, práticas e arquiteturas.

A produção de subjetividades complexifica cada conversa na relação trabalhador do cuidado e pessoa com demanda de saúde mental. Por vezes, nós emprestamos o desejo de atendimento quando o Estado e a sociedade envolvente já não garantem os direitos dos usuários de drogas em situação de vulnerabilidade seja em uma situação de desemprego, de violência familiar, de pobreza, de doença crônica ou trajetória de vivência na rua.

> A arte é um poder (*Macht*), uma força (*Kraft*) de criar aparências, de transvestir, de falsificar e de mentir. E essa força de produção de aparências e de mentiras que se manifesta/traduz na arte é a força consubstancial, por um lado, à própria atividade da natureza e, por outro, à essência da linguagem. É a força que, no pensamento maduro de Nietzsche, re cebe o nome de “vontade de poder”. (MECA, p. XIII-XIV apud NIETZSCHE, 2005)

8.1. Jornais

O Jornal Zero Hora da Rede Brasil Sul de Comunicações realizou uma série de reportagens sobre a situação de rua de crianças e adolescentes. O trecho citado acima é apenas a sinopse, a chamada de capa, do encarte especial de domingo falando do Felipe, nome ficticio de um adolescente em situação de rua. Apresenta inicialmente o sucesso do Programa Ação Rua da Fundação de Assistência Social e Cidadania de Porto Alegre, porém quando o assunto é o uso de crack “projetos sociais dos governos fracassaram na missão de ajudá-lo”.

> Filho da Rua. Felipe é infantil, mas agressivo; pede ajuda, mas não larga o crack; procura a família, mas vive nas esquinas. A sociedade sustenta seu vício com esmolas. A mãe cansou da luta para resgatá-lo. Projetos sociais dos governos fracassaram na missão de ajudá-lo. Por três anos, ZH seguiu os passos de Felipe e mostra, nesta reportagem, como a mistura de omissão, pobreza, desestrutura familiar e falta de horizontes é o berçário ideal para o nascimento de um menino de rua (ZERO HORA, Caderno Especial Filho da Rua, 17 de junho de 2012)

Induz ao leitor a aceita que de berço a pobreza leva ao fracasso e o governo é ineficaz no oferecimento de políticas públicas. Interessante que no verso do encarte frase "Faça a sua parte", reafirma que a questão é mais individual que coletiva e do modelo de sociedade da exclusão, restando assim não discutir sobre a situação das famílias em vulnerabilidade social como do adolescente Felipe, mas contribuir para o Fundo de apoio a projetos sociais

Enquanto, a grande imprensa estimula a ação individual o e Projeto Vespa do CREAS CANOAS através dos educadores sociais Rodrigo Leites, Kauê Catalfamo e Natália Giacomello promove a cidadania através da história da população negra, da música e do fanzine e constrói educação para autonomia. As oficinas falavam sobre antiracismo assim como as origens da música negra do Jazz, Blues até o Hip Hop.

Tive contato com os educadores sociais Rodrigo Leites e dois jovens de Canoas em cumprimento de medida socioeducativa em roda de conversa durante o Seminário da Rede Multicêntrica 2012 onde o CREAS de Canoas apresentou o trabalho com adolescentes em conflito com a lei e material construído por eles sobre cultura, música e história da cultura africana.

Música em RAP composta pelos jovens Rafael Nogueira, João Gabriel (Harmonia) e Alyson Richard (Cebinho) com o título Paz para os irmãos.

> E aonde acha que vai seu futuro/
> em vez de joga bola/
> tá bolando é o fumo!/
> E isso que eu falo tu sabe que é real/
> Vida e bandido é gaveta ou central/
> Desde pequeno com a arminha de espoleta/
> Quando crescer já tá com uma escopeta/
> Invadindo o mercado enfarinhado/
> Se não é assim pode crê que tá chapado/
> Refrão:
> Paz para os irmãos
> Paz para os irmãos
> Paz e justiça para todos corações

Assim como o Jornal do CAPS AD Glória/Cruzeiro/Cristal distribuiu material impresso com textos e desenhos de usuários. Recebo de um dos usuários do CAPS o formato de uma folha A4 dividida ao meio resultado da oficina de jornal de uma trabalhadora do serviço. Este é o primeiro e falou mais sobre as atividades dos serviços e menos sobre as percepções dos usuários. Segundo a trabalhadora que me entregou a vontade era "apresentar" o CAPS AD.

8.2. Manuais

O material educativo "Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua" voltados para trabalhadores em saúde e demais pessoas que cuidam quem vive na rua.

A capa representa a importância do papelão na vida da pessoa em situação de rua, tanto a utilização dele para dormir, cobrindo o chão como forma de representá-lo como trabalhador da catação de materiais recicláveis. A profissional de saúde representada com jaleco e uma cruz vermelha reclina-se para uma pessoa de boné, com as pernas cobertas sobre um papelão.

Figura 9

Em artigo sobre vínculo o Padre Julio Lanceloti conta de sua relação com esta população. Ele é militante histórico pelos direitos de quem vive na rua através do seu trabalho na Igreja sendo apoiador do Movimento Nacional da População de Rua.

No manual é descrito o Consultório na Rua e as principais demandas em saúde da população de rua através dos registros de atendimento. Reproduza abaixo a poesia utilizada como epígrafe do Manual nos aproxima sensivelmente através da arte do poeta Carlos Eduardo (Cadu), Morador de rua em Salvador.

Não somos lixo

Não somos lixo.
Não somos lixo e nem bicho.
Somos humanos.
Se na rua estamos é porque nos desencontramos.
Não somos bicho e nem lixo.
Nós somos anjos, não somos o mal.
Nós somos arcanjos no juízo final.
Nós pensamos e agimos, calamos e gritamos.
Ouvimos o silêncio cortante dos que afirmam serem santos.
Não somos lixo.
Será que temos alegria? Às vezes sim...
Temos com certeza o pranto, a embriaguez,
A lucidez dos sonhos da filosofia.
Não somos profanos, somos humanos.
Somos filósofos que escrevem
Suas memórias nos universos diversos urbanos.
A selva capitalista joga seus chacais sobre nós.
Não somos bicho nem lixo, temos voz.
Por dentro da caótica selva, somos vistos como fantasmas.
Existem aqueles que se assustam.
Não somos mortos, estamos vivos.
Andamos em labirintos.
Depende de nossos instintos.
Somos humanos nas ruas, não somos lixo.

Figura 10

Na cartilha de Redução de Danos para Agentes Comunitários de Saúde “Diminuir para Somar. Ajudar a reduzir os danos é aumentar as possibilidades de cuidado aos usuários de drogas” da ONG Viva Comunidade, conveniada da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro/RJ.

Na capa está a cidade, onde os redutores de danos estão identificados de colete cinza com placas com os sinais matemáticos “menos” em verde e “mais” em laranja. Estão saindo do asfalto na calçada onde localizam-se prédios no alto está morro com casa coloridas no meio de árvores.

O mais significativo da cartilha na minha leitura é o capítulo 8, “Aprendendo com a realidade de alguns casos” onde são descritos sucintamente casos de usuários de drogas e, ao fim, busca-se puxar um “fio do novelo” através de um fator de proteção de “Alemão” que é o trabalho.

"ALEMÃO"

Alemão tem 28 anos. Cursou até a 5ª série, mas sempre foi muito inteligente, aparentando ter muito mais estudo do que tem, por conta da sua boa comunicação.

Já trabalhou em escritório, foi dono de mercearia, sócio de uma gráfica, desenhista para uma agência de propaganda e artesão em uma cidade do litoral. Enfim, exerceu muitas atividades.

Essas intensas variações de profissão, que geralmente aconteceram juntamente com mudanças de cidade, ocorreram por conta do uso de drogas.

Aos 12 anos, começou a usar álcool, cigarro e maconha. Depois disso, experimentou comprimidos e cocaína (inalada e injetável). Aos 17 anos, começou a usar *crack*. Dessa idade em diante, tem oscilado entre períodos de abstinência total (quando tenta mudar de profissão, de cidade, recomeçando a vida) e momentos em que reinicia o uso, voltando a "queimar o seu filme".

Casou e separou duas vezes. Na segunda vez, teve uma filha que nasceu muito doente e, a partir de exames realizados, foi detectado que ela era soropositiva para HIV. Como consequência dos exames, ele e a esposa descobriram que também estão com o vírus da AIDS. Um passou a culpar muito o outro, o que ocasionou muitas brigas. Diante desse quadro conflituoso, separaram-se após a morte da menina, com 10 meses de vida.

Atualmente, Alemão tem tido algumas manifestações da doença. Apesar da dificuldade em explicá-las na firma em que trabalha, como desenhista de interiores, ninguém sabe da sua real condição. Ele tem bebido e fumado *crack* todas as noites e, muitas vezes, vai para o trabalho direto, o que já está criando uma situação complicada com o seu chefe, que, além de querer muito ajudá-lo, respeita a sua grande capacidade de trabalho.

Ganha bem, tem carro e contato com fornecedores de drogas, o que lhe garante uma turma constante para usá-las, além de companhia sexual, sempre que deseja.

A dimensão do trabalho pode ser, algumas vezes, o "fio do novelo" à pessoa que usa drogas para dar linha ao desejo de se olhar, de escutar e de ser cuidado. Para Alemão, essa faceta de sua vida pode funcionar como uma proteção. De qualquer modo, é uma história interessante, que levanta a reflexão de que Alemão deixa uma pista para poder ser ajudado, já que poderia seguir usando sem deixar "rastros". Cabe ao trabalhador de saúde puxar o fio com delicadeza, para não rompê-lo e também para que o usuário não se "enforque" com ele.

Figura 11

Em 2010, enquanto trabalhava como educador social do CREAS São Leopoldo fui contemplado com um voto de confiança de uma pessoa em situação de rua chamado de Mariano Freitas[9] que escreveu em pequenos blocos de notas ou folhas ofício recicladas suas recentes memórias de quem iniciava sua vivência na rua. Na época elogiei sua escrita eloquente e literária incentivando-o a escrever mais e levantando a possibilidade de editar e publicar. Cheguei a entrar em contato com uma jornalista da Rádio Guaíba para veicular o escritor da rua, porém quando ela conseguiu agenda já não o encontramos no albergue.

Destaco abaixo a citação de partes destes escritos que recebi de Mariano F., meio pelo qual nos aproximamos das angústias de quem dorme na rua:

> 14/09 terça-feira. Sentado no Triângulo, esperando um "Dog" (como disse a atendente) e um refri, mato a saudade de escrever. Amanhã faz uma semana que moro na "rua". Hospedado no Albergue do CREPAR de São Leopoldo. Porém, bem vestido e me alimentando bem. Graças à Deus. Há alguns dias atrás, entre o vento frio, a madrugada escura e a chuva forte, um animal transtornado de olhos esbugalhados e aspecto grotesco transitava [em] meio às ruas do centro e vielas da cidade. (Diário de Mariano F, 2010)

Parar para contar história tira o usuário da penumbra do anonimato, humaniza a pessoa que usa drogas, tira da substância psicoativa o protagonismo de falar pelo sujeito, ele toma para si a responsabilidade de dizer seu desejo, de falar de si e cuidar de si. A consciência de si durante os movimentos após o uso é um aprendizado que algum redutor de danos, educador social ou agente de saúde já compartilhou durante um atendimento e foi produtor de cuidado, pois através da escuta, partindo da realidade vivida, é possível encontrar alternativas e fatores de proteção. Como exercício de falar de si recorro ao Benjamim.

> Maselha, 29 de julho. Às sete da noite, depois de longa hesitação, tomei haxixe. Durante o dia em Aix. Deito-me na cama com a certeza absoluta de que, nesta cidade de centenas de milhares de habitantes, onde ninguém me conhece, não poderei ser perturbado. (BENJAMIM, p. 249)

BENJAMIM falou de sua experiência com o haxixe através de escrita reflexiva e nos aproxima das sensações que vivenciou, algo que qualquer usuário de drogas sentiria empatia na leitura.

[9] Nome fictício para preservar a identidade da pessoa.

> No caminho para *Vieux Port*, essa maravilhosa leveza e decisão de passo que transformava o chão pedregoso e inarticulado da grande praça, que estava atravessando, na superfície de uma estrada de rodagem que eu, robusto andarilho, percorria à noite. Pois naquela fase ainda não totalmente seguro de minhas funções reguladoras, evitava a Cannebière. Naquele pequeno bar do porto, o haxixe começou pois a deixar que atuasse sua magia canônica com um furor primitivo com o qual jamais a havia experimentado antes. (BENJAMIM, p. 250)

Pois isso a importância da clínica, da educação social de rua e da redução de danos, para que se converse sobre drogas, se aprenda sobre elas, com elas e sem elas. Pois todas elas buscam a formas dinâmicas de transformar e afirmar a pessoa em suas potências, forma de efetivação dos direitos humanos e da participação cidadã.

Conclusão

No trabalho como educador social de rua aprendi o que é trecho, achaque, mocó e beco. Não tenho dúvidas que aprendi mais do ensinei. No encontro com as pessoas que utilizam a rua como residência pude compreender que há diversidades nesse grupo população, excluídos do acesso às políticas públicas por não ter residência fixa. Mais do que atender as demandas sociais e de cuidados em saúde me envolvi no movimento social organizado para garantir a efetivação dos direitos daquelas pessoas estigmatizadas pela sociedade com imagens de horror, repulsa e invalidação social, sobretudo por perceber-se que a parte da população em situação de rua relacionavam as drogas, principalmente álcool e crack, de modo dependente ou abusivo.

Diante da problemática que levantei no início do percurso da pesquisa pude me aproximar de algumas intuições interessantes. A análise crítica dos materiais educativos que encontrei mostrou como imagens podem ser poderosas para construir um discurso intolerante A revista em quadrinhos voltada para o público infanto-juvenil de Maurício de Sousa, *Uma história que precisa ter um fim*, associa a imagem do traficante ao de um morador de rua.

Enquanto, o livro fantástico *Zumbis da Pedra* de Manuel Soares e Marco Cena ilustra o usuário de drogas com o aspecto monstruoso do morto-vivo zumbi, assim como elogia os caçadores de zumbis, como é chamada a polícia. Já a cartilha do Programa Educacional de Resistência ás Drogas está mais evidentes pois a própria experiência fora da norma da vivência de rua é argumento para que adolescentes das escolas que participam do curso do PROERD afastem-se tanto das drogas quanto das pessoas que dela fazem uso, apenas restando as opções de clausura da prisão, da internação ou do caixão.

Propus outra leitura entendendo que mais do que produzir uma revista ou uma cartilha melhor elaborar coletivamente estratégias de educação em saúde onde o tema das drogas tivesse espaço em rodas de conversa e no cotidiano do trabalho do educador social de rua e dos trabalhadores da saúde sem preconceito ou tabu. A linguagem privilegiada para tanto foi a arte, as referências estéticas de quem estamos em contato como o papelão e, sobretudo, a disposição de ouvir as experiências de vida envolvendo trocas numa escuta que empodera o sujeito a encontrar caminhos autônomos de cuidado de si e estimula ações coletivas.

Termino com a citação da antropóloga Claudia Turra Magni de artigo "Quando se está na rua não se projeta mais nenhuma imagem" que diz

> Para uma sociedade que cultiva uma auto-imagem democrática e igualitária, a própria existência de pessoas em situação de rua denuncia contradições profundas nessa ficção coletiva. Retirar o manto da invisibilidade que nega a sua existência, não permitirá apenas que conheçamos melhor o seu perfil coletivo, mas contribuirá para que a sociedade conheça melhor a si mesmo, com os perversos mecanismos internos que rejeitam e projetam para o limbo aqueles que não correspondem às expectativas sociais, por mais ilusórias que elas sejam. (MAGNI, 2010)

10 Bibliografia

ACSELRAD, Gilberta. *A Educação para a autonomia: Construindo um discurso democrático sobre as drogas*. IN: _____ (Org.). Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos. 2ª ed. RJ: Editora Fiocruz, 2005.

AMARANTE, Paulo. *Saúde mental e atenção psicossocial*. Coleção Temas em Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. (Trad.) Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. (Trad.) Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIM, Walter. *Rua de mão única. Obras escolhidas II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. BRASIL. *A política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras drogas*. Brasília, 2003.

BRASIL. *Decreto n° 7053 de 23 de dezembro de 2009*. Institui a Política Nacional de Inclusão Social da População em Situação de Rua. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acesso em: 22 dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conferência Nacional de Saúde. 8. Relatório final. Brasília: Ministério da Saúde, 1986.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. *Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua.* Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

CAMPOS, Eduardo Henrique; SOUZA, Tadeu Paula. *Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas".* Psicologia e Sociedade, v. 23, n. 1, p. 154-162, 2011.

CONTE, Marta et al. *Redução de danos e saúde mental na perspectiva da atenção básica*. Boletim da Saúde. Porto Alegre: Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul; Escola de Saúde Pública, v. 18, n. 1, jan-jun, 2004.

FON, Aton, Filho. *Na rua, sem direito a direitos.* In: Direitos humanos no Brasil em 2005. Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos em colaboração com Global Exchange.

FOUCAULT, Michel. *Aula de 1954. Capítulo V*. IN: _____. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Coleção Ditos e Escritos I. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.* 4ª Ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

MAGNI, Cláudia Turra. *Quando se está na rua não se projeta mais nenhuma imagem*.

IN: ZWETSCH, Binô Mauirá at al. *Contorno de invisíveis: perfil e mapeamento da população adulta em situação de rua de São Leopoldo/RS. CREAS*. São Leopoldo, 2010.

MCLAREN, Peter. *Pedagogía crítica y cultura depredadora*. Buenos Aires: Ed. Aique, 1994.

PETUCO, Denis. *Arqueologia do Medo: discurso em uma campanha de prevenção ao crack.* Disponível em: <http://www.slideshare.net/multicentrica/arqueologia-do-medo-denis-petuco> Acesso em: 07 de jan. de 2012.

PETUCO, Denis; GIL, Rafael. *Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. Contribuição à IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*. Publicado em 04/04/2010. Disponível em: <http://www.redehumanizasus.net/9808-saude-mental-alcool-e-outras-drogas-

contribuicao-a-iv-conferencia-nacional-de-saude-mental-intersetorial> Acesso em: 07 de jan. de 2012.

PROAME – PROJETO OLHOS DA RUA. *A Rua de Olho na Comunidade: Conhecendo a realidade das famílias e adolescentes em situação de rua na cidade de São Leopoldo, RS.* São Leopoldo: PROAME/Kinder not Hilfe/Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2009. 92p.

SANTOS, Loiva De Boni (org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas.* Porto Alegre: Ideograf, CRPRS, 2010.

SANTOS, Milice R. dos. *À conversa com Robert Castel. Entrevista Robert Castel.* (Trad.) MANY, E.; NEVES, R. C. Manifesto, p. 49-59 , dez. 2003.

SOARES, Manoel; CENA, Marco. *Os zumbis da pedra*. Porto Alegre: BesouroBox, 2011.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação Não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

SOUSA, Maurício. *Uma história que precisa ter fim*. Coleção A Turma da Mônica. Editora Maurício de Sousa, Instituto Cultural Maurício de Sousa, 1996.

STEINBECK, John. *A rua das ilusões perdidas*. Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica, 1986.

STOFFELS, Marie-Ghislaine. *Os mendigos na cidade de São Paulo. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Estudos Brasileiros, v. 2)

TOROSSIAN, Sandra D. *Paixões e Químicas*. Disponível em: <http://sul21.com.br/jornal/2012/04/paixoes-e-quimicas/>. Acessado em 28 de set. 2012.

VVAA. *Tecendo redes: uma experiência de prevenção de DST/AIDS entre meninos e meninas em situação de rua*. Brasília, DF: UNICEF, 2011.

ZANCHET, Lívia. *Cumpra-se. A judicialização da saúde e alguns de seus efeitos no campo da gestão em saúde mental.* Trabalho de Conclusão de Residência, do terceiro ano do Programa de Residência Integrada da Escola de Saúde Pública - ESP/RS, com ênfase em Gestão e Formação em Saúde Mental, 2011.

ZWETSCH, Binô Mauirá et al. *Contorno de invisíveis: perfil e mapeamento da população adulta em situação de rua de São Leopoldo/RS. CREAS*. São Leopoldo, 2010.

11 Referência das imagens:

Figura 1 – Gravura, nanquim sobre ofício de Adriano Andrade, desenhista e estudante de Psicologia.

Figura 2 – Foto de Binô Mauirá Zwetsch.

Figura 3 – Capa da revista em quadrinhos A turma da Mônica, *Uma história que precisa ter fim*, de Maurício de Souza.

Figura 4 – Detalhe da página 4 da revista *Uma história que precisa ter fim*, supracitada.

Figura 5 – Capa da revista *Zumbis da Pedra*, com ilustrações de Paulo Santos e Dango Costa, texto de Manoel Soares e Marco Cena.

Figura 6 – Detalhe da página 48 da revista *Zumbis da Pedra*, supracitada

Figura 7 – Capa da cartilha do PROERD.

Figura 8 – Detalhe da página 30 da cartilha do PROERD.

Figura 9 – Capa do Manual de cuidado à saúde junto à população em situação de rua

Figura 10 – Capa da Cartilha de redução de danos para agentes comunitários de saúde, *Diminuir para Somar*.

Figura 11 – Detalhes da páginas 30 e 31 da Cartilha de redução de danos para agentes comunitários de saúde, *Diminuir para Somar*.